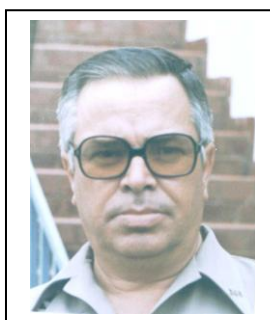


FHE **POUPEX**

A ESQUADRA LEGAL OU ESQUADRA DE PAPELÃO E SUASSW VITÓRIAS NO RIO DE JANEIRO E SANTA CATARINA NA REVOLTA NA ESQUADRA 1893-1894



Cel CLÁUDIO MOREIRA BENTO

Historiador Militar e Jornalista, Presidente e Fundador da Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil (FAHIMTB), do Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul (IHTRGS) e da Academia Canguçuense de História (ACANDHIS) e sócio benemérito do Instituto de Geografia Militar e História Militar do Brasil (IGHMB) e emérito do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) e correspondente da Academias de História de Portugal, Espanha, Argentina e equivalentes do Uruguai e Paraguai. Integrou a Comissão de História do Exército do Estado- Maior do Exército 1971/1974. Presidente emérito fundador das academias Resendense e Itatiaense de História e sócio dos Institutos Históricos de São Paulo, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Ceará, Mota Grosso do Sul etc. Foi o 3º vice presidente do Instituto de Estudos Valeparaibanos IEV no seu 13º Encontro em Resende e Itatiaia que coordenou o Simpósio sobre a Presença Militar no Vale do Paraíba, cujas comunicações reuniu em volumes dos quais existe exemplar no acervo da FAHIMTB doado a Academia Militar das Agulhas Negras. É Acadêmico e Presidente Emérito fundador das Academias Resende e Itatiaense de História, sendo que da última é Presidente emérito vitalício e também Presidente de Honra. Coursou a ECEME 1967/1969. E foi instrutor de História Militar na AMAN 1978-1980, onde integrou comissões a propósito dos centenários de morte do General Osório, Marques do Herval e do Duque de Caxias. Dirigiu o Arquivo Histórico do Exército 1985/1990. E correspondente dos CIPEL, IHGRGS, Academia Sul Rio Grandense de Letras e Instituto Histórico e Geográfico de Pelotas. É sócio correspondente do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso. Foi Diretor Cultural e da Revista do Clube Militar no seu Centenário em 1987. Possui o Curso de Analista A da Escola Nacional de Informações em 1975. É Comendador do Mérito Militar e possui 5 prêmios Literários. Escreveu a História do Exército no Rio Grande do Sul composto de 21 volumes.

ARTIGO DO AUTOR DIGITALIZADO PARA DISPONIBILIZÁ-LO NO SITE DA FAHIMTB WWW.AHIMTB.ORG.BR EM LIVROS E PLAQUETAS E CÓPIA IMPRESSA NO ACERVO DA FAHIMTB DOADO A AMAN EM BOLETIM ESPECIAL 002 DE 17 NOV 2004 E INTEGRADO AO PERGAMUM DE BIBLIOTECAS DO EXÉRCITO

A Esquadra Legal ou "Esquadra de Papelão". Suas Vitórias no Rio de Janeiro e em Santa Catarina

Cláudio Moreira Bento

1. A "Esquadra de Papelão"

A Revolta de 1/5 da Armada* estourou na baía de Guanabara em 6 de setembro de 1893 e terminou praticamente em Santa Catarina, em 16 de abril de 1894. Ela obrigou ao governo federal a mobilizar uma esquadra legal que passou à História, injustificadamente, como a "Esquadra de Papelão". Esta, no auge, chegou a dispor de 14 unidades navais. Seu comandante foi o almirante reformado Jerônimo Francisco Gonçalves, herói da guerra do Paraguai. Ali, o jovem oficial, comandou um dos encouraçados que forçaram o rio Paraguai, em Curupaiti e Humaitá. A "Esquadra de Papelão" possuiu as seguintes unidades: cruzadores "Niterói" (ao comando do CT Alexandre Baptista Franco); "Andrada" (CT João Baptista das Neves" que mais tarde, em 1910, foi morto por marinheiros amotinados); o vapor armado "Itaipu" (CT Rodolfo Lopes da Cruz); a corveta "Parnaíba" (CT João Augusto Soares Dutra) e 7 torpedeiras comandadas por tenentes de Marinha que se deslocavam em mar alto rebocadas, eram elas: "Gustavo Sampaio" (comandada pelo 1º ten Altino Flávio de Miranda Correia e lembrando o nome do aluno da Escola Militar morto no combate à revolta em foco, na Praia Vermelha); "Pedro Ivo" (1º ten Júlio Alves Brito); "Pedro Afonso" (1º ten J.M.Paiva e, mais tarde, 1º ten Amynthas José Jorge e homenagem a um herói do Exército que tombou morto ao lado de Marcílio Dias e de Greenhalgh); "Silvado" (1º tenente Américo Brasília Silvado); "Greenhalgh" (comandada pelo citado ten Amynthas); "Piratini" (que era semi-submarina) e "Silva Jardim" (que foi a pique após abalroada entre o Recife e o Rio pela "Gustavo Sampaio"). Como navio hospital e tender funcionou o "São Salvador" (ao comando do 1º ten Tancredo de Castro Jauffret).

Foi formada em Montevideu a 3ª Divisão da "Esquadra de Papelão" formada pelo cruzador "Tiradentes" que havia sido enviado para reparos, visando a enfraquecer a esquadra rebelde, de igual forma que o "Riachuelo" havia sido mandado para reparos na Europa, e mais os navios "Santos" e "Bahia". Enfim, uma esquadra improvisada, tripulada por jovens oficiais da Marinha e por alunos das escolas militares do Exército do Ceará, de Porto Alegre e da Praia Vermelha e por marinheiros norte-americanos e de outras nacionalidades contratados em Nova York. Esta esquadra tinha a orientá-los o almirante Jerônimo

Gonçalves, o CF Álvaro Nunes Belfort e o CMG Gaspar Silveira Rodrigues, respectivamente comandantes da esquadra e das 1ª e 2ª divisões navais da mesma.

2. O Pensamento do Almirante Gonçalves

O almirante Gonçalves assumiu o comando da esquadra legal em Montevidéu, em 21 de Outubro de 1893, então constituída do núcleo inicial formado pelo cruzador "Tiradentes", couraçado "Bahia" e vapor "Santos". Ele chegara ao Uruguai a bordo do navio inglês "Thames", acompanhado de 6 oficiais da Marinha, 2 oficiais do exército, 14 sargentos e 25 alunos da Escola Militar da Praia Vermelha. Ao assumir o comando, baixou Ordem do Dia na qual dizia de sua missão, de seu pesar por tratar-se de luta entre irmãos, que não ofereceria glórias e nem produziria heróis. Objetivava apenas a tranquilidade do País.

Assim, humildemente e sem tripudiar de seus companheiros rebelados, falou:

"A luta que se está travando não produz heróis, nem glórias, muito ao contrário, todo o sangue derramado, seja de quem for, nos enche de pesar, porque é sangue de irmãos, é sangue de brasileiros. É preciso que a lei seja respeitada e, colocando-nos ao lado do governo, em sua defesa, cumprimos o nosso dever de brasileiros e de militares, que acima das simpatias pessoais colocam o amor à Pátria e, deste modo, o bem-estar e a tranquilidade do lar brasileiro que presentemente sofre os horrores do sítio e os seus sobressaltos."

Em 26 de Novembro de 1893, chegaram a Recife os navios adquiridos no estrangeiro para reforçar a esquadra legal. Eram os cruzadores "Niterói" e "Andrada" e as torpedeiras já citadas, mais a "Bento Gonçalves". O "Niterói" era guarnecido por 600 homens, metade brasileiros e metade americanos³.

Em 7 de Dezembro de 1893 desembarcaram naquela cidade 125 alunos da Escola Militar do Ceará. Foram aquartelados no quartel do 2º Batalhão de Caçadores, no bairro de Afogados, onde se encontraram com outros alunos das escolas militares da Praia Vermelha e de Porto Alegre, ao comando do capitão Marcos Curius Mariano de Campos. Nesse quartel, aguardavam a distribuição pelos navios da esquadra legal, quando em 14 e 15 de janeiro de 1894, os navios revoltosos "República", "Uranus" e "Esperança" atacaram e conquistaram o porto de Paranaguá (PR), estendendo o domínio pelas redondezas, como a vila de Antonina, por exemplo.

3. Operações da Esquadra Legal entre 22 de junho e 23 de julho de 1893.

Em 22 de Janeiro de 1894, o almirante Gonçalves chegou no Recife a bordo do vapor "Itaipu", armado em guerra. No mesmo dia, à tarde, à frente da esquadra, zarpar com destino a Salvador onde permaneceu todo o mês de fevereiro adestrando e homogeneizando, dentro do possível, sua tripulação jovem e improvisada para a emergência. Enquanto isto, em 29 de Fevereiro, o almirante Saldanha da Gama tentara, em disputadíssimo e sangrento combate, conquistar a Ponta da Armação (RJ) e o legendário general Gomes Carneiro morria em combate na Lapa (PR), praça que só capitulou após cumprir sua missão retardadora.

Em Março de 1894, a esquadra legal deixou Salvador rumo ao Rio de Janeiro, onde chegou após dez dias de atribulada viagem, tendo fundeado fora da barra na defronte da Escola Militar da Praia Vermelha. Foi um grande feito para uma tão heterogênea, não especializada e jovem tripulação.

Mário Clementino, mais tarde professor de História Militar na Praia Vermelha, assunto sobre o qual produziu obra valiosa, e ainda atual, como tripulante do cruzador "Niterói" registrou esta cena, à noite, no litoral de Pernambuco, quando brasileiros e americanos confraternizavam:

"De repente, para terminar uma noite musical, um flautista da guarnição brasileira levantou-se e tocou o Hino Nacional Brasileiro. Todos, indistintamente, se puseram de pé e ouviram-no recolhidamente. No final, as palmas dos americanos estrugiram no ar. Mas quando elas cessaram, uma comoção inteiramente imprevista para nós tocou-nos profundamente. A guarnição americana, de pé e unânime, cantava o seu Hino Nacional."

Em 12 de Março, a esquadra legal fez demonstrações de um possível ataque ao poderoso encouraçado "Aquidaban", próximo à ilha dos Porcos. No dia seguinte, levantou feno das ilhas Maricá e passou, ao meio dia, em frente da barra do Rio de Janeiro, onde assistiu ao canhoneio das fortalezas da Lage e de Santa Cruz. Fundearam atrás da Cotunduda, à espera de ordens. Ali, a esquadra leal do governo soube da rendição, no dia anterior, dos revoltosos que, com seu comandante, almirante Saldanha da Gama, foram acolhidos como asilados, a bordo de duas corvetas portuguesas. Ainda a 13, às 16,30 horas, os navios do almirante Gonçalves entraram na barra do Rio de Janeiro na seguinte

formação: "Niterói", "Itaipu", "Andrada", "Gustavo Sampaio", "São Salvador", "Pedro Ivo", "Pedro Afonso", "Silvado", "Greenhalgh" e "Piratini". Ela foi objeto de salvas e aclamações de parte das fortalezas de Santa Cruz e da Lage, Gragoatá e Armação, as que sustentaram a maior reação à esquadra revoltada, durante seis meses⁴.

A seguir, fundeou defronte a Niterói, cidade que fora a mais castigada pelo canhoneio dos revoltosos, pois o Rio de Janeiro fora declarado "cidade aberta", pelos navios de guerra estrangeiros estacionados na baía de Guanabara. No dia 14, ajudou a eliminar os últimos focos da revolta, tendo atuado, inclusive, em Paquetá. Nesse dia o almirante Gonçalves, em Ordem do Dia, declarou terminada a revolta na capital da República.

O restante do mês de março e primeiros dias de abril, a esquadra legal dedicou a preparar-se para expedição a Santa Catarina e lá combater remanescentes da revolta, a bordo de alguns navios ao comando do almirante Custódio de Mello. Entre eles, o encouraçado "Aquidaban", o único do Brasil, ao comando do CF Alexandrino de Alencar, que viria, mais tarde, ser ministro da Marinha em três governos e que, em 15 de Novembro de 1889, havia comandado tropa de marinheiros que apoiou a proclamação da República, no Quartel-General do Exército.

Enquanto isto, entre 6 e 12 de Abril de 1894, o almirante Custódio de Mello, à frente da chamada "esquadra de fora", formada pelo cruzador "República" e os vapores "Uranus", "Iris", "Meteoro" e "Esperança" atacou a cidade de Rio Grande, empregando a divisão federalista do general Salgado. Então, os revoltosos puseram a pique a canhoneira "Cananéia", que mais tarde foi recuperada e, capturaram a "Camocim"⁵.

4. Operações da Esquadra Legal em Santa Catarina e no Paraná

Em 8 de abril de 1894 a esquadra do almirante Gonçalves deixou a capital federal rumo ao sul, em busca dos revoltosos do Governo Provisorio dos Estados Unidos do Brasil, estabelecido em Santa Catarina, com capital na cidade de Desterro (atual Florianópolis)⁶.

A esquadra legalista foi dividida em 3 divisões, assim constituídas:

1ª - "Niterói", "São Salvador" (tender) e "Parnaíba"

2ª - "Gustavo Sampaio", "Pedio Ivo", "Pedro Afonso" e "Silvado"

3ª - "Santos", "Itaipu" e "Tiradentes".

A esquadra aportou em Santos, onde deixou a corveta "Parnaíba". Após navegar todo o dia 10, em 11 deu entrada no Porto Belo, onde tomou conhecimento que o "Aquidaban" se encontrava próximo da fortaleza de Santa Cruz, na baía norte de Santa Catarina. Reconhecimento realizado pelo vapor "Itaipu" comprovou a presença do "Aquidaban"⁷.

A fortaleza de Santa Cruz de Anhatomirim, foi bombardeada em 13 e 14 de abril, respectivamente, pelo "Andrada" e o "Itaipu", sem que a resposta lhes causasse danos. Em 16, às 00,00 horas, a esquadra suspendeu da enseada dos Ganchos e às 2 horas passou a bombardear a fortaleza citada, com os navios "Tiradentes", "Santos" e "Itaipu" e a fortaleza São José da Ponta Grossa com o "Andrada" e "Niterói". As

torpedeiras "Gustavo Sampaio", "Pedro Afonso" e "Silvado" atacaram às 3 horas e foram alvo de vivíssimo fogo de parte do "Aquidaban" e das fortalezas, cujo valor militar tivemos a oportunidade de focalizar no artigo "Em Torno da Fortaleza São José da Ponta Grossa", in "Revista Militar Brasileira (jul/dez 1977). (Artigo hoje disponível em Livros e Plaquetas no site da FAHIMTB www.ahimtb.org.br). Às 3 e meia horas, noite escura ainda, as canhoiras se aproximaram do temido "Aquidaban" e dispararam contra ele 3 torpedos, sendo que o único disparado pela "Gustavo Sampaio" logrou atingir o alvo. Ao amanhecer, a divisão retornou ao ancoradouro e neste mesmo dia foi ancorar na enseada Canavieiras⁸.

O cruzador alemão "Ancona" informou ao almirante Gonçalves que os revoltosos haviam abandonado o "Aquidaban", que fora atingido por um torpedo na proa, a bombordo. Às 10 horas a esquadra legal formou em linha de combate defronte do combalido encouraçado. O "Tiradentes" o abordou e constatou não haver ninguém a bordo. A "Gustavo Sampaio" que o atingira no primeiro torpedeamento realizado do Atlântico Sul, segundo estudiosos do assunto, embandeirou em arco e deu uma salva de 21 tiros.

Uma guarnição do "Niterói" ocupou a fortaleza de Santa Cruz de Anhatomirim. A vitória sobre o "Aquidaban", de parte da "esquadra de papelão", tribute-se à tática usada pelo almirante Gonçalves de atacar à noite. Caso contrário, em ataque diurno, a esquadra legal, segundo especialistas, faria jus ao apodo irônico, pois, com o concurso das fortalezas fixas e da móvel que era o "Aquidaban", ela seria pulverizada.

Ainda em 17 de Abril de 1894, dia que assinala o término da Revolta na Aimada e da Revolução Federalista em Santa Catarina, o almirante Gonçalves ocupou a ilha de Santa Catarina com 100 alunos da Escola Militar da Praia Vermelha, apoiados pelo cruzador "Tiradentes" e a toipeadeira "Gustavo Sampaio". No dia seguinte, mandou encravar os dois canhões montados pelos rebeldes na fortaleza de São José. No dia 19, chegou ao almirante Gonçalves a notícia de que o almirante Custódio havia deposto as armas (15 Abr) e feito entrega ao governo argentino dos navios revoltosos "República", "Uranus", "Meteoro", "Íris" e "Esperança". Neste dia, foi dado comando legal ao "Aquidaban", em reparos. Em 21 de Abril de 1894, chegou à ilha o vapor "Itaipu" e com ele, para muitos revolucionários catarinenses e paranaenses e familiares, a desgraça - o coronel Antônio Moreira César, enviado como governador civil e militar de Santa Catarina. Militar polêmico mas valente, que havia conquistado, em duro combate, a ilha do Governador e que, mais tarde, encontraria a morte em Canudos à frente de uma expedição que lhe coube comandar. Ele é acusado de fuzilamentos sumários de revoltosos, na ilha de Santa Cruz e, em 25 de Maio de 1894, no quilômetro 64 da ferrovia Curitiba-Paranaguá, do barão de Batovi, o

marechal Manoel de A. Lobo D'Eca, herói da guerra do Paraguai, junto com outros companheiros. Tudo como repressão às violências inomináveis praticadas por federalistas no Paraná e em Santa Catarina, principalmente pelo sanguinário capitão maragato Cizério Saraiva. Era a lei de Talião: "Olho por olho, dente por dente", ao invés de orientação mais consentânea, como expressara o general Simon Bolívar: *"Nas guerras civis é político ser generoso, pois do contrário a vingança aumenta progressivamente."* Esta é uma preciosa lição a ser tirada pela posteridade.

5. A Atuação Exemplar do Almirante Gonçalves

Os revoltosos do Rio de Janeiro levados para Montevideú por 2 corvetas portuguesas ficaram inquietos e muitos conseguiram fugir, até que remanescentes, embarcados em navio especialmente fretado, o "D. Pedro III", foram transportados para Portugal e internados nas fortificações de Peniche e Elvas. Em 23 de Abril, a esquadra legal foi operar em Paranaguá e São Francisco do Sul. Entre 24 e 30, atuou em Paranaguá-Porto das Águas, onde restaurou a autoridade legal, inclusive em Antonina. Neste Ínterim, o almirante Saldanha conseguiu escapar, em Montevideú, do navio português em que se asilara. A seguir, Gonçalves restabeleceu a legalidade em São Francisco e em 2 de Maio retornou à ilha de Santa Catarina e cruzou com o "Aquidaban" que soçobrara no razo e estava sendo reparado para ser levado para o Rio de Janeiro. Em 4 de Maio, após deixar aquele navio sob a proteção do "Santos" e das canhoneiras, a esquadra partiu para Montevideú, a fim de buscar os navios revoltosos que Custódio de Melo entregara à Argentina, os quais foram devolvidos e haviam chegado à ilha Martim Vaz, rebocados, em 16 de Maio. Eram eles o "Iris", o "15 de Novembro" ^-"República"), o "Meteoro" e o "Esperança", todos necessitando de reparos, antes de voltarem ao Rio. Por esta razão, a esquadra permaneceu em Montevideú até 8 de Junho, rumando, então, para Santa Catarina, composta agora de 15 unidades. Após permanecer desde 10 neste local, partiu para a capital do País em 13, chegando na Ilha Grande quatro dias depois. No dia 21 de Junho de 1894, entrou na baía de Guanabara vitoriosa e com a missão cumprida com méritos, sendo bem recebida, conforme as palavras de seu tripulante, o jovem Malan d'Angrogne, mais tarde chefe do Estado-Maior do Exército:

"Chegamos ontem de Montevideú, rebocando os navios aprisionados. Não te podes dar conta da acolhida do Rio de Janeiro, flores, salvas, aclamações, bandeiras etc. Senhores que nos cumprimentam, senhoras a nos festejar, moças que nos sorriem..."

Com ela, vinha rebocado o famoso encouraçado "Aquidaban", que 12 anos mais tarde, na baía de Jacuacanga, explodiu acidentalmente e foi ao fundo, morrendo com ele, muitos irmãos brasileiros. Hoje, seus

restos ainda podem ser vistos no fundo do mar. Este acidente comoveu todo o Brasil. A campanha da esquadra do almirante Jerônimo Gonçalves foi encerrada em 23 de Junho, após cinco meses de atuação efetiva, quando foi dissolvida e seu comandante em Ordem do Dia assim viu e registrou, para a posteridade, a sua atuação:

"A vitória da causa legal e o restabelecimento da paz e da tranquilidade de nossa Pátria foram os frutos colhidos pelos varonis esforços que empregamos para debelar a revolta que, nascida sem causa legítima, apenas para satisfazer mesquinhas ambições, ameaçava tragar o Brasil, em sua voragem. Cumprimos o nosso dever e por mais ingrata e rude que nos parecesse a tarefa, alentava-nos sempre a esperança de que a vitória traria tão assinalados serviços ao País, que os nossos sacrifícios seriam largamente compensados. Aos jovens camaradas de terra e mar, que tão relevantes serviços acabam de prestar à República, compete agora dedicarem-se ao estudo e ao trabalho."

Para o almirante vitorioso a causa da Revolta foram apenas "as mesquinhas ambições." Era uma velada crítica ao seu líder Custódio de Mello. Dois dias depois desta Ordem do Dia, em Portugal, os revoltosos que foram internados nas fortalezas de Peniche e Elvas, protestaram pelos maus tratos que lá recebiam, nada podendo fazer por eles o almirante Saldanha da Gama que se empenhou a fundo em defendê-los, sem sucesso.

O almirante Gonçalves, por ordem do Congresso, retornou (30 de Junho 1894), ao serviço ativo da Marinha. Pouco se tem falado ou escrito sobre a epopéia naval que comandou com tanta dignidade, profissionalismo e patriotismo. De sua ação tomamos conhecimento através de palestra do historiador almirante Hélio Leôncio Martins, no Serviço de Documentação da Marinha, fazendo-lhe justiça. Sua memória precisa ser resgatada e cultuada, retirando-se a enorme pedra que foi colocada sobre seus serviços ao Brasil. Ele, sem dúvida, constitui um grande exemplo de patriota e um grande expoente naval brasileiro, como o são os almirantes Tamandaré, Barroso, Saldanha da Gama, Alexandrino de Alencar etc. "História é verdade e justiça. Informação é liberdade de escolha. A posteridade brasileira precisa melhor conhecer o almirante Gonçalves para melhor julgá-lo e fazer-lhe justiça".

Os tripulantes do "Aquidaban" após deixá-lo, em 16 de Abril, procuraram fazer junção com os federalistas de Gumercindo Saraiva, que retornaram ao Rio Grande do Sul, em 25 de Abril de 1894, a partir de Curitiba, por impedidos de prosseguir após a épica e legendária resistência da Lapa, comandada por Gomes Carneiro, que bem cumpriu sua missão estratégica de ganhar tempo para o governo colocar forças compatíveis para barrar o avanço federalista. Esta retirada de

tripulantes e revoltosos do "Aquidaban", sob a liderança do comandante Alexandrino de Alencar, é relatada com detalhes interessantes por Ângelo Dourado em seu livro "Voluntários do Martírio", muito rico em informações sobre a Revolução Federalista em Santa Catarina e no Paraná.

6. Epílogo e Paz

Em 23 de Setembro de 1894, foi formada junta revolucionária composta pelos almirantes Custódio de Mello e Saldanha da Gama e o conselheiro Silveira Martins, visando a uma nova invasão do território do Rio Grande do Sul. Ela teve lugar em 28 de Abril de 1895 com Saldanha da Gama à frente do Exército Libertador, constituído de 900 homens, sendo 150 marinheiros remanescentes. No dia seguinte, ele foi lanceado em Campo Osório, por republicanos os irmãos Tambeiro ao mando superior do canguçuense general Hipólito Pinto Ribeiro. Foi o epílogo, de fato, da Revolta na Armada e da Revolução Federalista. Floriano já havia deixado o governo fazia 5 meses e meio e fora substituído por seu adversário político Prudente de Moraes. Decorridos 5 dias da morte de Saldanha da Gama, morreu em Divisa (atual Florianópolis), distrito de Baía Mansa o marechal Floriano Peixoto, que passou a história como o "marechal de ferro". Quando Saldanha e Floriano desapareceram, fazia cerca de mês e meio que havia sido morto, em Carovi, o general federalista Gumercindo Saraiva, atingido por disparo fatal, quando procedia um reconhecimento. Em 21 de Outubro de 1895, foi assinada a paz, em Pelotas (RS), pelo general Galvão de Queiroz em nome do governo e o general Joca Tavares (João Nunes da Silva Tavares), que foi ratificada no dia seguinte pelo presidente Prudente de Moraes que, em 21 de Outubro de 1895, decretou anistia aos revoltosos na Armada e revolucionários federalistas.

"História é verdade e justiça", repetimos. Deixo à inteligência da posteridade as condições e as lições a serem tiradas do episódio tris-tíssimo que acabo de recordar e que deixou em sua esteira as manchas negras de degolamentos em massa (Rio Negro e Boi Preto) e os fuzilamentos em Santa Catarina e no Paraná, na fortaleza de Santa Cruz e no km 64 da ferrovia Curitiba-Paraná.

Uma, ou a mais preciosa tradição gaúcha é a de Firmeza e Doçura que se traduz em combate: Firmeza por lutar com toda a garra, valor e determinação. Doçura traduzida após a vitória como respeito, como religião, à vida à família, à dignidade, ao patrimônio e à honra do vencido inerme. Isto foi o que os farrapos transmitiram e que os combatentes de 189e melhor a ser retirada do exposto.

A esquadra legal teve um sentido ético, ou seja, foi organizada com todos os pesadíssimos sacrifícios, para que a revolta pudesse ser dominada com meios navais do Brasil, ao invés de esüangeiros, principalmente dos EUA, que se ofereceram para por fim à rebelião, com seus meios navais, independente de as nações européias reconhecerem os revoltosos como beligerantes. O Brasil preferiu o caminho soberano que trilhou, através da penosa formação e operação de uma esquadra nacional, que cumpriu meritariamente a missão recebida e aqui focalizada, em tributo à verdade e à justiça históricas.

1. João Baptista das Neves foi promovido "post mortem" a almirante e, hoje, dá o nome à enseada de Angra dos Reis, onde se situa o Colégio Naval.

2. O "Tiradentes" foi comandado pelo CF José *Pedro* Alves de Barros. O "Santos" foi comandado pelo CF Gaspar Silveira Rodrigues, também comandante da 2ª Divisão Naval que os dois integravam com o "Bahia". Os dois oficiais do Exército eram os tenentes João Cordeiro de Farias e João Cândido da Silva Murici. Foram contratados também 28 marinheiros constituindo assim o núcleo inicial da Esquadra legal de 76 homens.

3. As torpedeiras "Bento Gonçalves" e "Silva Jardim" foram trazidas da Europa por comandantes chilenos partidários do ex-presidente daquele país, Balmaceda. A 1ª foi inutilizada, em Maceió, em vista de manobra infeliz, realizada pelo oficial chileno, não participando das operações futuras.

4. Negociou nos EUA a compra do "Niterói", do "Andrada" e da torpedeira submarina "Piratini" o embaixador Salvador Moreira. O almirante Joaquim Francisco de Ahreu (1836-1895), herói da batalha de Riachuelo, no comando da "Belmonte", foi quem adquiriu, na Prússia, as torpedeiras "Pedro Ivo", "Pedro Afonso", "Silvado", "Silva Jardim" e "Bento Gonçalves", que foram trazidas ao Brasil, sem nenhum incidente, por uma guarnição de 16 alemães e chilenos, por embarcação, conforme registrou o "Times" (Londres, 29 de janeiro de 1894). Por sua vez, a "Gustavo Sampaio" foi adquirida na Inglaterra. A "Greenhalgh" também foi adquirida nos EUA e viajou no convés do "Andrada". Existiam mais as torpedeiras de porto "Sabino Vieira" e "Tamboril", que eram transportadas pelos navios maiores.

5. Meu falecido pai morava na barra daquele porto e tinha à época, quase seis anos. Ele recordava o episódio que o impressionou vivamente, inclusive a imagem das vivandeiras que acompanhavam as tropas que desembarcaram famintas e fizeram uma

operação - hoje chamada "arrastão" - catando dos quintais e hortas dos moradores da barra, toda a sorte de alimentos encontrados, sem que sofressem nenhuma reação.

6. Esse governo lembra o governo farroupilha estabelecido em Laguna-SC, em 1839, onde foi proclamada a República Juliana, com a qual os revolucionários poderiam se comunicar com o exterior. Os governos citados foram marcados pelo insucesso e não cumpriram o que deles era esperado, em ambas revoluções.

7. Nesta ocasião, no capão do Boi Preto, em Palmeira das Missões-RS, tropas republicanas, ao comando do coronel Firmino de Paula, massacraram, por degolamento, tropa federalista, vingando o massacre sofrido em Rio Negro, (28 de Novembro de 1893), em que cerca de 300 legalistas foram degolados por tropa ao comando do general Joca Tavares. Literalmente duas manchas negras na memória do Rio Grande do Sul, difíceis ou impossíveis de serem apagadas.

8. 123 anos antes, o vice-rei do Rio da Prata, D. Pedro Ceballos fundeara no mesmo local para, depois, invadir a ilha de Santa Catarina e dominá-la por algum tempo, após render a fortaleza São José.



O Cel Cláudio Moreira Bento, além dos cursos da AMAN, EsAO e ECEME, possui o de Analista da EsNI e pesquisador de História das Forças Terrestres Brasileiras, pelo EME. Foi instrutor de História Militar da AMAN, ex-Comandante do 4º BE de Combate em Itajubá - MG e Adjunto da Comissão de História do Exército Brasileiro. É membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Instituto de Geografia e História Militar do Brasil e congêneres de São Paulo, Minas Gerais, Rio Grande do Sul,

Paraná, Mato Grosso, Rio de Janeiro e cidades de São Leopoldo e Pelotas, além de Membro da Academia Brasileira de História e Academia Sul-Rio-Grandense de Letras. É atualmente Diretor do Arquivo do Exército e preside a Comissão de Pesquisas Básicas dos Guararapes, Estrangeiros e Descendentes na História Militar do RGS e o manual Como Estudar e Pesquisar a História do Exército, publicado pelo EME. Participou da pesquisa, elaboração e edição da obra História da Doutrina Militar do Brasil, editada pela AMAN, em 1979-1980. Seu último trabalho: A História do Brasil através de seus Fortes.